VI ANNO. SEXTA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 1866. N.º 521

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

O projecto do contrato das linhas ferreas de sul e sueste ainda na sessão de sexta feira foi debatido na camara hereditaria.

Fallou sobre a questão o sr. marquez de Vallada. S. ex.ª disse que a medida de que se tratava não era para enthusiasmar, mas que era uma necessidade, já attendendo á continuação dos caminhos de ferro, já porque era conveniente ao estado das nossas finanças. O digno par declarou que não tinha visto apresentar medida nenhuma que substituisse bem o que o governo propunha; e disse que as circumstancias politicas não deviam ser postas de parte nesta questão, visto que não tinha o actual gabinete uma opposição organisada. Querendo tambem que se désse mais desenvolvimento a outros melhoramentos de que carece o paiz, e reconhecendo na medida do governo um meio para esse fim, declarou-se a favor do projecto. S. ex.ª fez outras considerações, e rematou approvando o contrato.

Depois o digno par Silva Ferrão mandou para a mesa uma substituição ao projecto. Esta substituição foi admittida, e entrou em discussão conjunctamente com o projecto.

O sr. Vellez Caldeira fallou tambem sobre o contrato.

S. ex.ª disse que o governo devia antes fazer um emprestimo do que o contrato, e chegou até a affirmar que do caminho de ferro poucos resultados se colheriam em razão de ser o commercio da provincia do Algarve insignificante.

O digno par quer o emprestimo para se fazer o caminho ferro, mas como se faz sem recorrer ao credito, não é bom o caminho por que não tem quasi nenhum commercio o terreno que elle atravessa. E' assim que se impugna o contrato!

Fallou tambem o sr. Silva Sanches, que depois de muitas considerações tendentes a mostrar que os calculos de que se serviu no seu primeiro discurso sobre a materia em questão eram exactos, pediu para ser lançada na acta a declaração que o sr. ministro da fazenda fizera em resposta a uma pergunta que lhe fôra dirigida pelo digno par, Rebello da Silva.

O sr. ministro da fazenda respondeu ao digno par, como já tinha respondido ao sr. Rebello da Silva, que ao governo não foi apresentada nenhuma proposta official dos caminhos de ferro de norte e leste, propondo alteração do contrato.

Depois passou-se á votação do contrato, que foi approvado por 47 votos contra 33, ficando regeitada a substituição apresentada pelo sr. Silva Ferrão.

A camara electiva occupa-se ainda da discussão especial de cada um dos artigos do projecto sobre a liberdade d'imprensa.

Na sessão de quarta feira o deputado, o sr. Thomaz Ribeiro, apresentou o parecer da commissão sobre as propostas d'alguns srs. deputados a respeito do artigo quarto do projecto. Esse artigo foi retirado, e approvado um outro que o ha de substituir.

Sobre o artigo quinto fallou o sr. Barros e Sá, que fez uma proposta para que fosse eliminado o paragrapho unico daquelle artigo. Ao sr. Teixeira de Vasconcellos tambem pareceu que aquelle paragrapho era inconveniente, por isso que restringia d'algum modo a liberdade d'imprensa.

O sr. ministro da justiça fez ver que tal paragrapho se devia conservar no projecto, e notou que disposição egual se encontra nas leis dos paizes mais cultos.

O sr. deputado, Leandro José da Costa, tambem se pronunciou contra a disposição do paragrapho, propondo a sua eliminação, e declarando que tal disposição, hoje que o systema constitucional se achava radicado no paiz, não tinha razão de ser.

Nessa mesma sessão, antes da ordem do dia, o sr. P. Gonçalves de Freitas, fez algumas interpellações ao sr. ministro da marinha sobre o mau estado em que se acha a provincia de Cabo-Verde.

Bom é que o governo cuide deveras em melhorar o estado daquella provincia, que segundo todas as informações, está em más circumstancias.

O *Diario* contém algumas mercês relativas ao mez de dezembro, e nada mais que mereça attenção.

No discurso da corôa traçou o governo o caminho que ha de seguir na administração publica do paiz. As promessas que se fazem no discurso do throno não são muitas, mas são todas importantes.

E' realmente excellente o programma do governo. Os ramos d'administração que mais estavam exigindo os seus cuidados, são os que o discurso da corôa aponta como necessitados de reforma. Todos os pontos que são tocados na falla do throno, são importantes, e todos precisavam dos cuidados do governo. Quasi sempre as pramessa que se fazem ao paiz não são cumpridas; servem para dispôr por algum tempo os animos em favor do ministerio, que as faz. E' isto o que se tem visto muitas vezes.

A falla da corôa apresenta um programma que poucas vezes é seguido. Promette-se muito, e não se faz nada. Tem-se por tempo suspensa a espectativa do paiz, e no fim arrancam-se-lhe as esperanças, não se cumprindo as promessas. Destas decepções tem o paiz soffrido muitas.

O discurso da corôa serve não raro para embelecar a attenção publica. O paiz põe os olhos naquellas promessas, e, em quanto lhe não chega a desillusão, crê que ellas não serão esquecidas. Fita aquellas phantasticas miragens; ante-gosta já um futuro de prosperidade; sente-se satisfeito ante a contemplação dos melhoramentos futuros; e embalado nestes promettimentos deixa-se sonhar na iniciativa e força do ministerio. Depois acorda, e vê-se no mesmo estado em que se achava antes das promessas do governo, quando não acorda para se ver em peores condições.

O discurso da corôa é muitas vezes isto. E' programma que nem sempre se cumpre; é artimanha de que se servem muitos ministerios para se assentarem nas cadeiras do poder, em quanto não chega ao paiz o desengano.

Os programmas pomposos que os ministros traçam como norma para os seus actos publicos quantas vezes não são elles uma grande patranha? E' necessario conciliar a affeição do paiz para mais á vontade, e por algum tempo, se sentarem nas cadeiras do poder, e então fazem-se planos pomposos.

O discurso da corôa, repetimos, nem sempre mostra o caminho, que o governo ha de seguir.

As desillusões que temos tido mandam-nos pensar assim.

Mas agora as promessas que o actual governo faz ao paiz, os melhoramentos com que tenta beneficial-o, afiguram-se-nos realisaveis, porque, relanceando a vista pelo caminho que o ministerio tem andado, convencemo-nos de que elle, que tão brilhantemente começou a gerir os negocios publicos, continuará, de olhos fitos na prosperidade do paiz, a ir por diante na estrada das reformas, sem cessar, sem afrouxar, mas cada vez com maior coragem e iniciativa.

É o passado do governo, que nos faz ter muita fé no seu futuro.

São as medidas com que tem beneficiado o paiz, que nos fazem esperar nas medidas com que ha de beneficial-o ainda. É o zelo e iniciativa que mostrou na abolição do monopolio dos vinhos do Douro, que nos faz crer na solicitude com que se empenhará na reforma da instrucção primaria.

É este um dos pontos que toca o discurso da corôa, e não é, em verdade, um dos de somenos importancia que elle menciona.

Digamos duas duas palavras sobre este assumpto.

Uma das primeiras necessidades que ha a satisfazer em respeito ao ensino é pôr á sua frente professores que tenham instrucção e moralidade. Sem que os professores tenham estes dois predicados o ensino da infancia não póde correr como é para desejar.

Para se conseguir isto ha um meio: é elevar os ordenados aos professores. Deste modo expulsar-se-ha do magisterio a ignorancia, a inaptidão e a estupidez.

Verdade é que com tal reforma no ensino primario augmenta-se a despeza publica; mas que importa isso, quando se trata de ministrar ao povo o pão do espirito? As despezas podem chamar-se economias, se se colhem d'ellas resultados de maior valia. E desta projectada reforma póde dizer se isso.

Quem duvidará que a instrucção tem uma poderosa influencia nos actos do homem? Quem negará que ella está em razão directa com a boa harmonia da sociedade?

A educação, levando a perfeição ao espirito da mocidade é um potente auxilio para fomentar os bons sentimentos; mostra a senda da virtude coberta de flores e de benções; e o caminho do vicio irriçado de abrolhos e cavado de precipicios; desperta brios, nobreza de sentimentos e amor pela honra e pela virtude.

A instrucção faz-nos olhar para as paixões com precaução; arreda-nos da torrente impetuosa dos vicios; aponta-nos para a aresta do abysmo e manda-nos retroceder.

D'isto convence-se quem lançar os olhos a essas cadeias cheias de criminosos. São, com raras excepções, homens sem alguma instrucção, espiritos em que não se coou um raio de luz, almas hermeticamente fechadas ás ideias da honra e virtude, porque o ensino as não abriu.

E' uma verdade incontroversa: a criminalidade e a sciencia são duas entidades que se repellem, e que raro co-existem no mesmo individuo. A luz dissipa as trevas

A liberdade mesmo, que foi plantada aqui, no nosso paiz, á custa do sangue e da devoção de tanto martyr, quanto mais se derramar a instrucção no seio do povo, mais ella se enraiza e reverdece, e menos pende a estiolar-se.

Afóra, porém, de se reformar o magisterio do ensino primario, é de muita necessidade, que se obriguem os paes mandarem os filhos ás escolas.

Não é preciso impôr esta obrigação, porque ella já se acha imposta; o que é necessario é fazel-a observar por meio de uma pena.

É de esperar que o governo empregue este meio para que se possam tirar todos os resultados desejaveis, e para que a instrucção se derrame mais largamente.

Obrigar os paes a mandar seus filhos ás escolas é uma medida indispensavel para que o ensino seja o que deve ser.

Ha ainda uma outra providencia que é necessario tomar-se com referencia á instrucção primaria: é a creação de escolas normaes, onde se habilitem para o magisterio os professores. Parece-nos este um meio proprio para se conseguir que as escolas sejam regidas por pessoas habeis.

Elevando-se os ordenados aos professores de instrucção primaria, os que se habilitarem nas escolas normaes não deixarão de certo de concorrer aos concursos das cadeiras; e teremos deste modo bons professores, sem os quaes não póde haver verdadeiro ensino.

O governo no discurso da corôa reconheceu a influencia que a instrucção opéra sobre a sociedade e sobre o individuo.

Para fórmar bons cidadãos é necessario alumiar lhes a intelligencia, disse o governo pela bocca do monarcha. Reconhecendo d'este modo a importancia das medidas que ha a tomar com relação ao ensino, o governo ha de proceder com illustração e zelo respeito á reforma da instrucção primaria.

O governo, que tanto tem feito em bem do paiz, não póde deixar de realisar mais este melhoramento, que nós esperamos com a confiança que nos tem gerado os actos da sua boa administração.

É o passado que nos obriga a esperar, com toda a fé, o futuro.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

Installou-se na terça-feira no governo civil a commissão que deve promover a remessa dos productos do districto para a exposição universal de Pariz em 1867. A commissão é presidida pelo sr. governador civil, e compõe-se mais dos seguintes srs.:

Casimiro Barreto Ferraz.
Bento de Magalhães.
João de Moura Coutinho.
Venancio Dias de Figueiredo.
Francisco Manuel Couceiro.
Sebastião de Carvalho e Lima.
Manuel Rodrigues Simões.
Manuel Gonçalves de Figueiredo.
José Joaquim da Silva Pereira.
José Leite Ribeiro.
Elias Fernandes Pereira.
Agostinho Fernandes Melicio.
Agostinho Duarte Pinheiro e Silva.
Bernardo de Magalhães

Esta commissão será auxiliada por

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 518.)

Onde iria parar aquella cavidade? Seria o principio de passagem subterranea, ou poço onde lançavam corpos de victimas? Seria deposito, onde algum bando de *burkers* escondia cadaveres? Iria tropeçar em rumas d'ossadas, ou em mesas pejadas de corpos, roubados para anatomia clandestina?

Acaso algum medico desassisado teve a phantasia de dissecar um cadaver de fidalgo, e passar o escalpêllo pelas fibras da aristocracia, e os seus fornecedores, vendo que Benedicto era a pessoa no caso, trataram de lançar-lhe a mão para entregal-o ao mimoso doutor por algum numero sufficiente de guineus.

Como explicar porém que Sidney, o amigo da sua infancia, o condiscipulo dilecto no collegio de Harrow, representasse um papel nesta espantosa tramoia, e o papel mais terrivel — o da choca, que conduz o touro para o côrro, ou para o matadouro?

Estendendo os braços, deu fé Benedicto do principio de uma escada, e antepondo, como todo o homem animoso, sair ao encontro da morte, a esperal-a taciturno e estupido, passou o corpo pela bocca solevantada do alçapão, que em razão do peso não pudéra escancarar; então começou a descer os degraus, fazendo escóra do braço, que tremia e quasi dobrava; e depois julgando que descêra bastante, para que o alçapão ao fechar-se não lhe esmigalhasse o craneo, baixou a cabeça, e tirou a mão.

O alçapão livre abateu com funereo estampido, qual tampa d'ataude, que no baque fecha o morto.

Mais sinistro e lamentavel repercutiu este som o echo do obscuro subterraneo.

Apesar do seu animo destemido, sentiu-se Benedicto repassado de frio até á medulla dos ossos, e disse de si para comsigo:

—Se ouvem os nossos ouvidos depois de escondido o corpo na mortalha, não deve ser mais triste e mais lugubre o sonido da terra rolando por cima do caixão. Já pode ser que aqui me sepultasse eu vivo, e que me seja catacumba este buraco tenebroso!

E foi descendo os degraus, assentando os pés com cautella, e com os braços estendidos para deante.

—A Deus praza que este subterraneo tenha sahida, embora vá desembocar em algum cenaculo de salteadores, ou em sanhedrio de feiticeiras, dizia o pobre Benedicto, quasi saudoso do aposento vermelho.

Demais d'isso, naquellas opacas trevas não reluzia clarão, mas que fosse pallido, nem estrella, mas que fosse sanguinea, nem traço de luz pelas juncturas das pedras. Nada mais que a noute angustiosa, desesperada, densa, e fria.

Julgar-se-ia, que havia passado do primeiro para o segundo compartimento do seu tumulo o infeliz mancebo.

Engolfado na humida abobeda, soltava o vento gemidos, que arremedavam vozes humanas, — daquelles gemidos com que a natureza em noutes procellosas parece deplorar perdas desconhecidas: vagos lamentos, suspiros atabafados, soluços, como que escapados de peito magoado, brados de victimas oppressas sob o joelho do assassino. Em obsequio ao ouvinte enfiado, tocou o orgão da tempestade toda a simphonia da tristeza e do horror.

Ao passo que descia tornavam-se humidos e resvaladiços os degraus, e nuvens subtís de nevoeiro açoutadas pelo vento lhe vinham tocar no rosto.

Ouvia-se por entre o ruido das lufadas um perguiçoso marulho d'agua, e o rôlo de uma vaga mais extensa que as outras veio banhar os pés de Benedicto. D'aqui concluiu, que o subterraneo desembocava no Tamisa, e como em feitos de natação se atreveria a luctar com lord Byron, ou Enkhead, deu como certa a sua evasão.

Realmente nada havia mais facil para um nadador como elle, que alcançar a bocca da abobeda, que devia ir dar ao rio, e d'ahi subir ou descer até á ourella, segundo o ponto onde se achasse.

Jubiloso com tal esperança, imaginava-se já sentado á beira d'Amabel, narrando-lhe a singular aventura, e rogando-lhe que lhe perdoasse o dessocego que tão sem vontade lhe dera; com a velocidade incrivel, que caracterisa o pensamento — que é o fluido mais rapido depois, ou, para melhor dizer, antes da electricidade, mil paineis encantadores foram passando successivamente pela sua imaginação durante o curto espaço de tempo, que gastou a descer trez degraus.—Viu-se no altar estreitando os dedos delicados de miss Vyyyan, depois na soleira do quarto nupcial, e por effeito de intuição mais remota contemplou um quadro na sua casa de Richmond; estava em pé á ilharga d'Amabel, á sombra do tecto do patamar exterior de marmore, e vendo folgar com um veado domestico um lindo menino louro sobre uma alfombra aveludada de relva.

Esboroaram-se de chofre tão formosos sonhos, e foram substituidos por todas as visões desesperadas da mente alheada.

A mão de Benedicto allongada tinha tocado n'uma grade de ferro!

Tolhida era a sahida por aquella parte, e impossivel voltar pela outra! A força d'Arundell já gasta não bastaria a solevar o ponderoso alçapão.

—Que mal fiz, oh! meu Deus, para ser condemnado em vida, bradou Benedicto atribulado, e qual é o crime desconhecido, que devo expiar? Oh! Amabel, por mais horrorosas que sejam as supposições, que agora te atormentam sobre a minha sorte, quão longe estão da realidade!

E com aquelle derradeiro esforço de esperança vivaz, que não póde desamparar ninguem, nem até o condemnado com o cutello na garganta, Benedicto sacudiu os varões um por um, tentando abalal-os, ou desmontal-os; estavam todavia chumbados em modo a não se desarreigarem, e a ferrujem soldava-lhe tambem os engastes.

Achando ás apalpadellas a fechadura, vinte vezes ensanguentou os dedos o misero Benedicto forcejando por lhe desatarrachar os parafuzos, ou fazer jogar as mollas. Era porém tão solido e complicado o seu mechanismo, que daria honra a uma porta d'enchovia em Newgate.

Em quanto se dava áquelle vão trabalho, veio uma onda envolvel-o em gelado afago.

Tolhido de frio, e batendo o queixo, com os trajes nupciaes n'uma sôpa, Benedicto tornou a subir alguns degraus por livrar-se do embate da maresia, e sentou-se n'um d'elles, como os vultos sombrios acocorados, com que povôa Dante as escadas do seu inferno.

Ali permaneceu assim na tristonha resignação de fera emprazada, ou de selvagem colhido. Quanto tempo? Uma eternidade, ou uma hora. — Escapava-lhe a percepção real das cousas, e já na cabeça começava a gyrar-lhe a roda da loucura.

N'um instante de socego relativo quiz saber quantas horas eram, porque se re-

commissões especiaes nomeadas em cada concelho.

Na commissão appareceu o pensamento de nomear um individuo que, com titulo de commissario, diligenciasse, que de todo o districto concorres em os productos dignos de figurarem na exposição.

O pensamento não foi absolutamente desprezado, mas posto de parte até que a commissão novamente se reunisse, e melhor informada podesse convenientemente resolver sobre o melhor modo de satisfazer o encargo que lhe foi commettido.

Alguns membros da commissão objectaram, e a nosso vêr com razão, que deste districto havia um limitado numero de productos dignos de serem expostos, porque não se devia fazer, como em 1862, que se mandou uma grande collecção de objectos, mas muitos delles sem interesse nem merito para figurarem em uma exposição universal, e que não passaram de Lisboa.

Com relação a exposições, tem muita gente uma ideia falsa. Imagina que só é digno de expôr-se o que é perfeito, e fóra do commum, substituindo muitas vezes por productos que são devidos á mera curiosidade, aquelles que ou pela sua barateza ou pela sua utilidade podem despertar a attenção dos extranhos, e tornar conhecida uma industria.

Por esta razão pareceu á commissão que, com raras excepções, o que se poderia apresentar de mais conforme com o pensamento destes certamens industriaes, seria a collecção dos nossos productos agricolas, comprehendendo os excellentes vinhos de Bairrada; a dos productos minerios, que são importantes neste districto; algumas amostras de pedras, e madeiras; o sal; e artefactos de algumas fabricas que no districto existem. Para isto será bastante talvez o concurso das respectivas commissões.

No entretanto é mister que todos se empenham em empregar as suas relações para descobrir tudo aquillo que possa enriquecer a collecção dos nossos productos districtaes. A commissão recebe e agradece quaesquer indicações que para esse fim se lhe possam ministrar. Para que aos expositores se não exija nenhum sacrificio na conducção dos seus productos, solicitou já a commissão do governo, por intermedio do seu presidente, o sr. governador civil, os meios preciosos para occorrer a todas as despezas.

Diversos membros da commissão ficaram encarregados de colher esclarecimentos sobre os productos, cujas collecções devem ser expostas, e o sr. Elias Fernandes Pereira, professor de introducção no lyceu, prometteu empregar todos os esforços para apresentar uma collecção d'algumas plantas, e insectos peculiares da localidade.

Não podendo hoje dispôr de mais espaço limitamo-nos a publicar em seguida o convite da commissão central, promettendo voltar breve a este assumpto.

Era nosso interesse concorrer a estas festas da industria; hoje depois do modo porque os francezes vieram abrilhantar a exposição portuense, é rigoroso dever de todo o paiz.

Illm.º

No *Diario de Lisboa* encontrará v. um convite geral, dirigido a todos os industriaes do paiz para a exposição universal que deve ter logar em Paris no anno de 1867.

O governo portuguez, por decreto de 12 de julho do anno corrente, nomeou uma commissão central, incumbindo-a dos trabalhos preparatorios para a exposição da secção de Portugal no futuro concurso universal já indicado.

Em nome desta commissão não posso deixar de solicitar o cooperação de v. para este importante trabalho, que sem duvida todos os industriaes tomarão a peito, movidos não só pelo interesse geral do paiz, mas tambem pelo seu proprio.

A commissão julga do seu dever dar algumas informações para esclarecimento dos industriaes, agricultores e artistas que quizerem annuir a este seu convite.

A Exposição Universal ha de abrir-se em Paris no 1.º de abril de 1867; mas, segundo o regulamento geral adoptado pela Commissão Imperial Franceza, que tambem já se acha publicado no *Diario de Lisboa*, todos os productos das differentes industrias dos paizes estrangeiros devem ser recebidos no palacio da exposição em Paris desde 15 de janeiro de 1867 até 10 de março do mesmo anno.

Por esta consideração o Conselho Director da Commissão Central Portugueza entende que é de urgente e absoluta necessidade que todos os productos das nossas industrias estejam completamente reunidos em Lisboa até ao fim de agosto de 1866, a fim de que os mezes seguintes possam ser empregados nos indispensaveis trabalhos de organisação, preparatorios, selecção, classificação e expedição dos mesmos productos.

A recepção começará em Lisboa no 1.º de maio de 1866, e será feita na casa da fazenda do arsenal da marinha.

Os objectos de bellas artes para serem admittidos na exposição devem ter sido executados depois do dia 1.º de janeiro de 1855.

Os espositores não terão a pagar em Paris despeza alguma, e o governo portuguez encarrega-se do transporte de Lisboa para Paris e de Paris para Lisboa de todos os productos que forem escolhidos pela Commissão Central para figurar na Exposição Universal.

Até ao local onde os productos têem de ser recebidos em Lisboa qualquer despeza de transporte será por conta dos expositores, quando os productos não tenham sido entregues ás commissões filiaes dos districtos.

Não são admittidos na exposição:

1.º As copias, mesmo aquellas que reproduzirem uma obra de arte, adoptando um genero differente do original;

2.º Os quadros a oleo, miniaturas, aguarellas, desenhos de vidros pintados e de frescos, se não forem em molduras;

3.º As esculturas de terra plastica não cozida;

4.º As materias inflammaveis e fulminantes, e todas as que se considerarem perigosas, os espiritos ou alcools, os oleos e essencias, as materias corrosivas, e geralmente todos os corpos que possam alterar os productos expostos ou incommodar o publico, não serão recebios senão em vasos com sufficiente solidez, apropriados para o fim a que são destinados, e de limitadas dimensões.

As capsulas fulminantes, os fogos de artificio, as mechas chimicas e outros objectos analogos só serão recebidos em estado de imitação, não contendo materia alguma inflammavel.

E' de summa conveniencia que todos os productos sejam acompanhados da maior somma possivel de esclarecimentos. São porém indispensaveis e obrigatorias as seguintes indicações:

1.ª Nome expositor ou sua firma social. Os expositores devem declarar se são simplesmente possuidores dos objectos inventores, manufactores ou productores;

2.ª Preço dos productos no mercado da producção;

3.ª Preço de venda do producto em Paris, no caso do expositor querer vendel-o;

4.ª Valor total dos productos fabricados ou produzidos annualmente pelo expositor, com referencia a cada artigo exposto.

Para facilitar os estudos que precedem a concessão dos premios pelos differentes jurys é tambem de summa conveniencia que além das indicações já mencionadas, os expositores declarem:

1.º Séde e data da fundação do estabelecimento;

2.º Numero de empregados na fabricação (homens e mulheres, maiores e menores de quinze annos);

3.º Minimo e maximo dos salarios;

4.º Natureza e força dos motores empregados;

5.º Designação dos teares, apparelhos ou outros meios empregados na fabricação;

6.º Origem das materias primas;

7.º Principaes mercados de consumo;

8.º Medalhas, distincções ou menções honrosas já obtidas em anteriores exposições nacionaes ou estrangeiras.

A Commissão Imperial Franceza, querendo facilitar uma organisação methodica do catalogo, e desejando que as instalações de cada paiz possam ser feitas com a maior brevidade possivel, solicitou que até ao dia 31 de janeiro de 1866 lhe fossem fornecidos, não só as informações necessarias para a organisação do catalogo official, mas tambem os planos desenvolvidos da instalação da nossa secção.

Esta parte do programma da Commissão Imperial é importantissima, e por isso é necessario que a Commissão Central como os expositores lhe prestem a maior attenção.

Por isso a Commissão Central não póde deixar de pedir com a maior instancia a todos os expositores que até ao mencionado dia 20 de janeiro de 1866, sem falta alguma, lhe dirijam a declaração de tomarem parte na exposição, indicando quaes são os objectos que tencionam remetter, e que espaço em metros quadrados seja approximadamente occupado por esses objectos.

Sem esta indicação não poderá a Commissão Central formar o plano da installação definitiva da secção portugueza na exposição de Paris.

A Commissão chama mui particularmente a attenção de v. sobre este ponto.

Junto a este officio encontrará v. um exemplar do systema de classificação adoptado pela Commissão Imperial Franceza.

Todos os productos que forem remettidos para a exposição devem ser dirigidos á Commissão Central Directora, e acompanhados de uma guia em duplicado; e para facilitar o trabalho dos expositores a Commissão mandará organisar modelos d'essas guias, que lhes serão remettidas logo que tenha sido recebida a sua promessa de concorrerem á exposição.

A todos expositores se passará um recibo dos productos que remetterem para a exposição á vista do qual lhes serão restituidos logo que, finda a exposição, tenham sido devolvidos para Lisboa.

Será muito conveniente que o commissario regio junto á exposição de Paris seja auctorisado pelos expositores para a venda em Paris, por conta do expositor, dos productos de maior importancia, devendo entender-se que todos aquelles que apenas forem remettidos como amostras, são cedidos pelos expositores, ficando o commissario regio auctorisado a dispôr delles como julgar mais conveniente.

Devo lembrar a v. que nestas exposições se não attende só ao alto merecimento e perfeição absoluta dos productos. Pretende-se, sobretudo, conhecer o que cada paiz póde produzir; e muitas vezes um artigo ou objecto menos perfeito, mas que se alcança por preços diminutos, e que occupando grande numero de braços satisfaz muitas das necessidades das classes numerosas, é digno de premio, e póde mostrar a existencia de uma valiosa fonte de commercio.

Todo e qualquer producto que possa dar logar a permutações importantes é digno de muita attenção.

Por isso nenhum productor deve hesitar em remetter quaesquer objectos pela errada consideração de serem de pouco valor, e não merecerem as honras de figurar em um grande concurso de industria.

Se v. quizer pedir quaesquer esclarecimentos, poderá dirigir-se ao secretario da commissão central.

Confio que v. e todos os industriaes aceitarão gostosamente este convite, que lhes é feito para concorrerem a uma obra digna da civilisação do seculo em que vivemos.

Deus guarde a v. Sala da Commissão Central dos trabalhos preparatorios para a exposição universal de Paris de 1867, em 15 de dezembro de 1865.

O secretario da commissão
R. de Moraes Soares.

Segunda parte do discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 7 de dezembro ultimo a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

(Continuado do numero 520.)

Veja a camara qual a importancia que esta industria póde assumir no paiz, e como de futuro ella se pode desenvolver e expandir, logo que nós fornecermos áquellas duas provincias a primeira condição necessaria para a exploração das suas minas, qual é o transporte facil dos materiaes indispensaveis para o seu desvolvimento, e bem assim o transporte egualmente facil e barato para os productos das mesmas minas. Mas eu não ignoro que se póde dizer que estas 1:307 minas estão, pela maior parte, abandonadas, e que se não pode portanto contar com ellas em uma epoca proxima, como meio de desenvolvimento e riqueza do Alemtejo e Algarve. Mas eu tambem posso redarguir que destas minas 84 não estão abandonadas, e antes estão em exploração ou em via de concessão no Alemtejo e Algarve; que destas 84 minas, 35 são de cobre, e algumas tão ricas como as primeiras da peninsula; que 14 são de ferro; e que, além destas, ha uma consideravel quantidade de minas de magnesium que teem importancia mais secundaria, mas que nem por isso deixam de ter um certo valor effectivo e real.

Mando para a mesa, para ser publicada, a numeração official das minas a que me referi, e bem assim as indicações officiaes do producto, que essas minas poderão trazer ao caminho de ferro do Alemtejo e Algarve, logo que estejam em exploração, o que ha de succeder a grande parte dellas, assim que lhe fornecermos meios economicos para poderem ser trabalhadas (apoiados).

Sr. presidente, as minas do Alemtejo teem contra si a falta de arborisação do paiz, e tambem a disposição geral do territorio daquella provincia.

Todos sabem que nas minas que existem em terrenos pouco accidentados, como são em grande parte os districtos de Evora e Beja, as despezas da sua exploração offerecem difficuldades muito maiores do que as outras, porque as galerias de esgoto teem de ser feitas perpendiculares ao solo, emquanto que nos terrenos que se dobram e curvam em differentes linhas de nivel, como succede nas montanhas e collinas, as galerias de esgoto quasi que se fazem no sentido horisontal, indo encontrar-se assim o minerio com muito mais simplicidade e muito menos trabalho. Fica portanto evidente que o Alemtejo não pode explorar suas minas sem se lhe transportar o material necessario para uma exploração que é mais ou menos difficil, visto que no estado em que se acha aquella provincia, sem canaes, sem rios, sem estradas e *sobretudo* sem caminhos de ferro, a exploração de suas riquezas minerias é absolutamente impossivel.

O que será pois necessario que se faça para que as minas do Alemtejo possam dar o producto de que são susceptiveis?... E' que nós lhe ponhamos ao pé da porta transportes faceis, por meio dos quaes as minas possam receber o material de que carecem, e exportar o minerio que produzam.

Eu não fallo na mina de S. Domingos, porque essa mina provavelmente pouco ou nada aproveitará com o caminho de ferro.

A mina de S. Domingos é incontestavelmente hoje uma das primeiras da peninsula (apoiados). No anno de 1864, ao porto de Pomerão, por onde se exporta o minerio que aquella mina extrahe, foram 563 navios que levaram para Inglaterra mais de 100:000 toneladas do minerio de S. Domingos. Já se estão montando actualmente as machinas necessarias para fazer a depuração do cobre e para exportar o metal depois de trabalho. Levantou-se, como por encanto, uma povoação importante onde se encontram hoje commodidades e vantagens de civilisação que mal se vêem ainda em algumas das primeiras povoações do reino.

O sr. Placido: — E' verdade.

O orador: — Fizeram os exploradores primeiro um tramway, e depois um caminho de ferro, porque não se contentaram com os cavallos do tramway. E causa isto admiração ao meu illustre amigo! Pois não tem razão, porque a nossa tendencia é sempre para o melhor, e acima do cavallo da diligencia está o tramway, e acima deste está a locomotiva, e acima de tudo está o progresso.

Na mina de S. Domingos construiu-se um caminho de ferro de 18 kilometros de extensão para levar o minerio colhido ao porto de Pomerão: porto inventado pela mesma mina, e que não era conhecido nas cartas da Europa. Pois era tão conhecida a mina de S. Domingos e o porto de Pomerão, como é hoje conhecida a mina de Aljustrel.

Eu, pela minha parte, declaro a v. ex.ª que não sei até que ponto o caminho de ferro do sueste poderá vir a prestar serviços á mina de S. Domingos.

Neste ponto fallo só hypotheticamente, e sem nenhum conhecimecto positivo que auctorise as minhas conjecturas.

Porém eu vejo que o caminho de ferro deve passar na margem esquerda do Guadiana a uma distancia que não será superior a 20 kilometros de mina de S. Domingos; e portanto, assim como a mina fez um caminho de ferro de 18 kilometros para se dirigir a um porto que inventou, assim ella pode fazer um caminho de ferro para um porto, que existe desde a mais remota antiguidade, para o celebre porto de Lisboa.

O illustre deputado que me oppugna acha isto estranho, mas talvez que mude de ideia quando reflectir que o navio que vae ao porto de Pomerão vae em lastro e só com o fim de transportar o minerio, em quanto que vindo o minerio ao porto de Lisboa é possivel aproveitar o retorno dos navios que se dirigem para Inglaterra.

Não assevero que isto aconteça, porque não tenho os elementos sufficientes para o provar; porém o que digo é que não será impossivel que isto succeda em muitas occasiões, ou que o minerio de S. Domingos, pagando 2$400 réis por tonelada pelo seu transporte de 200 kilometros até ao Barreiro, venha de preferencia ao porto de Lisboa, aonde pode aproveitar transporte de occasião para Inglaterra, a

---

cordava que no bolso do colete tinha um relogio de repetição; porém a mão entorpecida pelo frio carregou de mais, ou com mau geito, e a molla quebrou-se soltando um som estridente dentro da caixa.

Estava pois o pobre Benedicto na posição dos prisioneiros das minas da Siberia, que são obrigados a dormir duas horas, e logo a trabalhar duas sempre a revezes, no intento de nunca saberem o tempo que lhe falta; porque, embora nunca vejam o sol, a divisão do trabalho e do descanso lhes serviria para computar o tempo.

Esperar a morte em trevas, sem saber a hora! Que supplicio! Não se lembrou d'elle Satanaz!

Em breve não se ouviu debaixo da abobeda mais que o ruido surdo do escaler, que embalançado pela marezia, embatia na entrada do canal subterraneo.

VIII

No fim de certo espaço de tempo, que pareceu longo como uma eternidade a sir Arundell, e que realmente não durou muito mais d'uma hora, (porque o tempo não existe, e o desespêro ou aborrimento podem encerrar um seculo n'um minuto) resoou surdo um ruido de passadas por de cima da abobeda, e uns jactos de luz desenharam o córte do alçapão.

Ergueu-se logo a ponderosa tampa; um raio livido e trémulo penetrou na humida escuridão, e na acanhada aberta appareceu a par d'uma vella acceza a cabeça caracteristica de Saunders, mostrando uma d'aquellas combinações de vermelho e amarello sobejamente repetidas por Scalken.

Subiu precipitadamente Arundell os degraus, e apesar de ser tão animoso como os esforçados cavalleiros de quem descendia, não foi sem vivo sentimento de praser que viu apontar á bocca do alçapão a cabeça de Saunders. Um cherubim engravatado nas asas não se lhe representaria mais donoso, e, digamos a verdade, Saunders não tinha qualidade particularmente celeste; mas Arundell ao seu aspecto sentiu a mesma alegria que sente um homem enterrado vivo, quando vê erguer-se a campa, e contempla no asqueroso coveiro Shakspeareano um puro anjo de luz. Por quanto, embora os heroes de romance não devam estar sujeitos a nenhuma fraqueza humana, excepto ao amor, é nimiamente desagradavel morrer de fome e de frio, trajado de preto, de luvas brancas, e botas de verniz, em um subterraneo gelado, sobre degraus escalados pela maré, na propria noute do casamento com uma das mais formosas herdeiras de Londres.

— Onde diabo se sumiria elle? murmurou Saunders, antes que a irradiação da vella encontrasse Arundell na sombra. Certo estou eu que fechei a grade com duas voltas, e os varões são tão junctos, que o mais franzino fidalgo, — atochado n'um espartilho de mulher que estivesse, — não varava por entre elles. Em todo o caso, ou ha de estar n'este aposento ou no subterraneo. Vamos lá, toca a descer, e vamos a fazer uma busca perfeita.

Não bem assentára Saunders o pé no primeiro degrau da escada, quando deu cara a cara com Arundell, que subia acceleradamente.

— Ah! cá está vossa excellencia! disse o marinheiro com geito de cordialidade tosca, e visivel satisfação. Vossa excellencia acha o segundo compartimento da sua habitação algum tanto frio e humido, e está com saudades do primeiro.

E com a mão rugosa susteve o cotovêllo de sir Benedicto Arundell, que escorregava na borda do alçapão.

Benedicto deixou-se cair sobre o banco, que estava ao longo da mesa. Remexeu Saunders com a tenaz a massa semiusta do carvão de pedra, e alcançou que espirrasse umas chammas violaceas. Reanimando pelo ar tepido da estancia, e certo de não morrer — ao menos — sem explicação, Arundell achou quazi agradavel aquelle antro hediondo, sarapintado de esboços singulares e sinistros, e sentiu uma satisfação relativa. Embora rude, não era ascôso o rosto de Saunders, e Benedicto tentou travar pratica com elle.

— Que quer dizer, disse Arundell, este rapto disparatado? Querem roubar-me? Querem obrigar-me a assignar algumas lettras, ou assassinar-me?

Fez Saunders gesto negativo, e respondeu:

— Mais me quer parecer que a vossa excellencia lhe dariam dinheiro, se carecesse d'elle.

— Então que me querem?

— Não sei, senhor, mas não ha de ser nada, que prejudique a vossa senhoria; pelo contrario foram-nos recommendadas as maiores attenções, e vossa excellencia ha de ser tratado com tanto melindre, como um caixão que traz relogios ou vidros da Bohemia.

— E você conhece aquelle homem, com quem eu vinha caminhando pela viella, — sir Arthur Sidney?

— Foi a primeira vez que o vi, senhor, respondeu Saunders, cujos olhos asues, — do azul do aço — sustiveram inalteraveis a mira penetrante de Benedicto.

— Porventura Sidney não representará papel nenhum nesta tramoia infernal? disse para consigo Benedicto, satisfeito de poder desviar a conjectura, que dolorosamente lhe pesava n'alma. — Mas como é possivel que estando tão proximo de mim, não me defendesse, e não bradasse por soccorro? atalhou logo a duvida. — Que motivo vos levou a este acto de violencia, continuou Arundell para Saunders, e quem é o sugeito que se arriscou a ser castigado com severidade, caso esta acção chegue aos ouvidos dos magistrados?

— Eu por mim, senhor, segui as ordens dos que me ajustaram para lhes obedecer; e no tocante á justiça...

Aqui deu Saunders aos hombros um movimento muito significativo, que descortinava um dos espiritos mais sceptic os sobre a perspicacia da policia.

— E quem é essa gente a quem obedece nestas emprezas aventurosas?

— Ainda que a vossa excellencia dissesse o nome d'elles, era como nada, ficava sabendo o mesmo; entre elles e vossa excellencia nunca houve relações.

— Oh! pois sabe quem sou?

— Não senhor; não sei os seus nomes, nem os seus titulos; só vejo pela physionomia nobre, pelas mãos delicadas, pela finura da sua roupa de panno e de linho, que vossa excellencia pertence á alta sociedade.

— Se você quizesse abrir-me aquella porta, e tornar a conduzir-me para a rua, sou eu rico de sobra, disse Arundell, para segurar-lhe uma pequena fortuna, que lhe daria com que viver folgadamente no paiz que mais lhe aprouves-e.

A esta offerta cubriram-se de côr de tijollo as faces tisnadas de Saunders, e o azul marinho dos olhos palidos faiscou-lhe do rosto mais escurecido; sem embargo voltou logo sobre si, e redarguiu com placidez:

— Ainda que não seja dos mais delicados o meu officio, não estou no habito d'attraiçoar os que tem deposto em mim a sua confiança, mas que seja para ruins negocios. E além d'isso, ainda que eu quizesse tirar a vossa excellencia d'aqui á custa do seu oiro, não me era possivel fazel-o. A porta está fechada por fóra, e tão prisioneiro está vossa excellencia como eu.

(Continua.)

ir ao porto de Pomerão esperar transportes especiaes.

Repito — não digo que isto seja provavel e positivo, mas basta-me que seja possivel para que a conjectura se não possa qualificar de utopia.

(Continúa.)

Oliveira de Frades, e a estrada de Vizeu a Lamego.

Nessas tão importunas instancias contra o traçado competentemente approvado, ha já annos, da estrada de Vizeu a Lamego, ultimamente de S. Pedro do Sul ao Douro por Lamego, conforme a respectiva portaria de 14 de outubro ultimo, fizeram figurar algumas freguezias de Oliveira de Frades, segundo annunciou o *Viriato* de 12 do corrente janeiro.

Releva explicar bem tal subscrever, não tanto para que elle nem valha isso que peza, ou parece pezar, como por amor da dignidade deste concelho.

A' justissima representação da camara municipal de S. Pedro do Sul contra esse açabarcar do Vizeu não podia deixar de associar-se tambem a de Oliveira de Frades; sobre a tão acertada preferencia de terras bem povoadas e productivas ás inhospitas e safaras, pela maior parte, para onde forcejam por deslocar a estrada; sobre o aproveitamento das duas pontes que se acham, uma sobre o Vouga, em S. Pedro do Sul, outra sobre o Paiva, junto de Castro d'Aire; sobre a não menos consideravel vantagem de passante de vinte kilometros já construidos de Vizeu áquella villa.

Além de tudo isso o interesse que resulta deste traçado é commum a todo Alafões que está repartido pelos trez concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzella, Oliveira de Frades, paiz grandemente productivo e mimoso, e abundantissimo de vinho, de que ordinariamente se reduz grande parte a aguardente para o Douro.

Em taes circumstancias, porém, e a despeito de taes considerações, inda um *patriota* deste mesmo concelho, fortemente empenhado por Vizeu se arrojou a solicitar da actual camara municipal uma representação opposta mesmo á da camara do biennio passado; e devidamente repellido foi tentar algumas freguezias arredias e sertanejas, que desprecatadas lá subscreveram, provavel ou certamente sem saberem a que.

Assim a realidade de tal adhesão da parte de Oliveira de Frades orça pela realidade d'essas centenas e centenas de vaccas sonhadas por Vizeu, que devem de ser bem gordas, annunciando, não fartura por sete annos sómente, mas por todos os seculos dos seculos: bem entendido a contar desde quando for posto em effeito esse inculcado e imposto dicto por não dicto do governo e da lei, desde quando passar a ser bem recebido e acatado esse dogma: — Tudo para Vizeu e tudo por Vizeu.

C. C.

Communicado a pedido

Reverendissimo Antonio Annibal Barreto Feio eu o Manelzinho n.º 2 vôs envio muito saudar como aquelle que *mais* prezo e estimo.

Se todas as couzas humanas estão sujeitas a desvio, com justa razão lastimo, que o vosso *muito subir* vos enlouquecesse; assim o denuncia a simples leitura da vossa carta de 13 do corrente, publicada no *Campeão das Provincias*, d'Aveiro, dirigida aos vossos collegas *coroados* da vossa circumscripção episcopal!

O Manelzinho n.º 1 firme no seu posto nem troce nem amolla, e escusaes de vôs torturar, não é, e nem quer ser padre; e eu o Manelzinho n.º 2 estou na mesma esteira; havemos de fazer todas as diligencias por não entrar na vossa sé d'Ouca, muito embora nos aceneis com a *mitra* — não se temem as vossas investidas por estar embolada.

O Manelzinho n.º 1 não responde á vossa carta por estar fóra da terra, foi requerer ao ex.mo juiz de direito da comarca, vista d'aquelle celebre processo, em que está empenhada a vossa *mitra*, e no qual sois parte forçada — mas em logar d'elle fiquei eu o talentasso Manelzinho n.º 2, illustrado na republica das letras, as quaes *cursei ad honram parentum*, que em fraze *judaica* equival e a paes, irmãos, parentes, e amigos.

O Manelzinho n.º 2 compraz-se da vossa humildade, e da vossa barretada de *servus servorum*, e assim sereis mais bem conhecido por reverendissimo Antonio bispo de Vagos, calhandro, sobre todos os calhandros!

O Manelzinho n.º 2 vê na vossa carta obra do vosso cabido, e não é preciso ser muito esperto, para conhecer que elle está prestes a declarar o vosso episcopado *sede vacante*, em razão d'aquelle parto laborioso que na mesma carta se menciona: ainda que ha todas as esperanças de que os caldos das galinhas que a occultas, dos vossos famulos mandastes pela vendilhoa dos tramoços, recoveira da vossa *mitra*, terão acalmado as dores da «vossa sé», devendo por isso alegrar-vos, e pelos vossos disvelos, como carinhoso pae, que sois, dos engeitados! E se os umbraes da vossa sé d'Ouca estão escancarados, e se á vontade por lá entra a vossa *mitra* ao Manelzinho n.º 2 pouco importa, que tal succeda; e muito menos que ordeneis o José Fernandes da Louvinhã, e o minorista padre João de Vagos: isso é lá com elles, e elles que respondam, se occultam os vossos offerecimentos. Já são dois os ordinandos, e o Manelzinho «sente amarguradamente», que por tão pouco não possaes sustentar o pezo da *mitra* em razão da pequenhez da vossa cabeça! isto dito por vós é sério, a não ser malquerenças do vosso cabido e por este dito lembrou ao Manelzinho n.º 2 (por que teve uma ideia associada) de um bezerro de Barrozo, destes de *mitra* elevada, e tromba curta. Mas se por desdita vos cahir a *mitra*, o que não é provavel por a terdes bem justinha á cabeça, o Manelzinho n.º 2 tem fé, de que se não amollará; e tem a certeza de que o vosso thezoureiro a terá em bom resguardo para mais tarde ornar um traste, como aquelle que vós de proposito e caso pensado fostes medir, e analyzar á exposição do Porto. Que obra prima não será um tamborete aonde a vossa *mitra* resplandeça?!

Aquellas cadeiras que vós lá ambicionastes ficarão a perder de vista! oh! e que bello não seria vós assentado n'uma d'ellas com a *mitra enramada*?!.. que prespectiva!!.. Mas tende a certeza, que seja mesmo n'uma exposição agricula, haveis de obter o primeiro premio, por ser moralmente impossivel que qualquer vivente apresente uma *mitra tão bem armada*!

O Manelzinho n.º 2 louva a vossa acertada escolha de nomear o minorista padre João de Vagos, para thesoureiro da vossa mitra, estou certo que ha de vigiar pela boa conservação de todas *as alfaias, corôas, ornatos, e mais reliquias da vossa capella*, e para a boa guarda de toda esta trapalhada convém que mandeis fazer uma caixa de duas chaves pelo modelo da vossa cabeça, e paga pelos rendimentos que a vossa *mitra* tem obtido nas festividades; ficando uma depositada na vossa sé d'Ouca, e outra em poder do vosso thesoureiro.

O Manelzinho n.º 1 manda dizer-vos que está contente de obter o resultado a que se propoz, conseguiu desviar o sr. Antonio bispo não da sua sé d'Ouca mas de achincalhar e injuriar o administrador do concelho sem motivo nem razão, de injuriar todas as pessoas que com elle estão unidas politicamente; o Manelzinho n.º 2 acrescenta, que não injurie tambem o pobre galucho, que ainda está carregando com aquelle tiro, dado na encruzelhada em a noite de entrudo..... o sr. Antonio bispo dos calhandros e das mitras sabe que deu ao gathilho..... não seja ingrato..... não seja cynico..... lembre-se do que foi, do que é, e do que pode vir a ser Manelzinho n.º 2 não esquece tambem o *vanitas vanitatum* de toda esta camara optica; e acrescenta para maior confuzão do reverendissimo sr. Antonio bispo das corôas, mitras, e calhandro, que não é, nunca foi, e nem nunca será minorista, e o mesmo está auctorisado a dizer do Manelzinho n.º 1.

E como o fim está prehenchido divirta-se com os seus ordinandos, que o Manelzinho n.º 1 e o Manelzinho n.º 2 dizem um cordial adeus ao sr. Antonio bispo de Vagos, «calhandro sobre todos os feios calhandros», até que torne a arremetter contra o administrador do concelho e a galuchada.

SALVÉ CALHANDRO!!

Vagos, 19 de janeiro de 1866.

O Manelzinho n.º 2.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 16 de 20 de janeiro

MINISTERIO DO REINO

Relação n.º 15 das pessoas a quem a commissão incumbida de classificar o direito á medalha de D. Pedro e D. Maria verificou pertencer este distinctivo por serviços civis.

— Promoção de Luiz Osorio Cabral, amanuense de 2.ª classe da secretaria do conselho de estado e ouvidor junto d'aquelle tribunal, a amanuense de 1.ª classe da mesma secretaria.

— Relação das pessoas agraciadas com mercês honorificas por diplomas do mez de dezembro.

— Despachos para a instrucção publica, por portarias do mez de dezembro.

MINISTERIO DA FAZENDA

Relatorio sobre o orçamento da receita e despeza do estado para o exercicio de 1866 1867.

— Venda no dia 24 de março, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no cencelho de Amarante, districto do Porto.

— Portaria ordenando que nos concelhos onde haja proposta de recebedores, estejam sempre em poder destes todos os documentos de cobrança de qualquer anno, para que possam receber a sua importancia depois de terminada a cobrança nas freguezias do concelho.

GUERRA

Ordem do exercito n.º 2.

MARINHA E ULTRAMAR

Decreto nomeando o conselheiro Joaquim Antonio de Moraes Carneiro, vogal extraordinario do conselho ultramarino.

— Outro transferindo José Mathias de Sampaio Brito, escrivão da comarca da ilha Graciosa, para identico emprego na provincia de Cabo Verde.

— Outro exonerando do cargo de secretario do governo de Timor o bacharel Eugenio Eduardo Mascaranhas de Menezes.

— Relação dos officiaes do exercito do estado da India que foram promovidos a diversos postos por decreto de 15 do corrente.

— Outro declarando sem effeito o que nomeou Luiz Emilio Vieira Lisboa, director da alfandega de Bissau.

— Outro transferindo o director da alfandega da Ilha do Sal, Joaquim Vieira Botelho da Costa, para igual cargo na alfandega da ilha da Boavista.

— Outro nomeando Joaquim Vicente de Almeida, secretario da feitoria e consulado de Siam.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Decreto estabelecendo diversas disposições para harmonisar o decreto de 31 de dezembro de 1864, com a convenção internacional telegraphica approvada pela carta de lei de 23 de dezembro de 1865.

Exterior

O general Prim entrou a nossa fronteira. Um telegramma do governo civil de Badajoz ao commandante da 1.ª divisão militar assim o annuncia. Prim entrou em Portugal no dia 20 ás 2 horas da tarde pelo lado de Barrancos, entregando ao alcaide de Enseñasola, povoação da Hespanha, alguns cavallos e armamento. Parece que estão providencias tomadas para internar até Beja as tropas emigradas. Diz-se que o general Prim é acompanhado por poucos soldados.

A revolução, apesar d'isso, não se pode dizer acabada. A tentativa de Prim foi malograda, mas a agitação continua na Hespanha, e o governo hespanhol não pode ainda estar socegado, sem embargo de não ter já á frente da revolta o marquez de Castilllejos. O espirito de insurreição continua lavrando, e o governo põe em pratica todas as medidas repressivas.

Em Valencia, no dia 17, houve tumultos que pozeram de sobreroldа as auctoridades da cidade, sem que taes tumultos tivessem o carater, que as auctoridades lhes suppunham.

Appareceu affixada nas portas da universidade uma folha impressa contendo noticias do movimento revolucionario. Isto causou alguma agitação entre os estudantes, que formaram grupos, e gritaram: *Viva o general Prim*.

Appareceram alguns agentes da policia que dispersaram os grupos; mas a cidade alvoroçou-se, e fecharam-se as lojas.

Dois tiros de peças chamaram immediatamente os officiaes a quartel, e em seguida sairam piquetes de tropa a percorrer as ruas da cidade.

Depois d'isto a cidade ficou tranquilla, sendo proclamada incontinente a lei marcial; e um pregão mandou que apenas se ouvissem dois tiros de peça do parque de artilheria, fechassem todos as portas de suas casas, e deixassem as ruas desembaraçadas; e se os tiros fossem dados de noute, que cada um dos habitantes illuminasse a frente de sua casa, respondendo os donos das casas ou os inquilinos pelo não cumprimento desta ordem.

Vê-se por isto que o governo presente algum perigo, e que não confia demasiado na tranquillidade de que fallam os jornaes ministeriaes.

Diz-se tambem que na cidade de Reus se deram gritos subversivos da ordem. Uma caterva de homens correram as ruas da cidade em grupos de 20 a 25 homens, dando gritos revolucionarios. Diz-se do mesmo modo que a provincia da Catalunha está muito agitada, e que Escoda tem ás suas ordens mais de 1:000 homens.

No dia 18, em Madrid, foram fusilados dois segundos sargentos da companhia que guardava o presidio de Alcalá de Henares, acusados de terem intentado seduzir os soldados da dita companhia para soltarem os presos.

Um jornal hespanhol refere que os dois sargentos confessaram que, se conseguissem o seu intento, os presos de Alcalá que são 1:200, deviam marchar para Torrelaguna a fim de soltarem 2:500 companheiros empregados nas obras do canal. Diz-se que os sargentos fusilados indicaram quem os tinha instigado a soltarem os presidiados. Os dois sargentos eram ainda muito moços, e um delles quando estava prestes a ser fusilado, dirigiu ás tropas algumas palavras em que disse que a sua morte era justa, e que desejava que ella podesse servir de exemplo aos seus camaradas.

N'um discurso que o duque de Tetuão pronunciou no senado, em que fallou dos dois sargentos que o conselho de guerra condemnára á morte, deu a entender que o governo está resolvido a pôr em pratica medidas ainda mais repressivas, em razão de se não ter entendido bem a politica adoptada por elle.

Quando a revolução está acabada, e reina tranquillidade em toda a Hespanha, como dizem as folhas officiaes, é para notar o medo do governo hespanhol.

Depois da revolução o facto que preoccupa mais a attenção do governo hespanhol é a questão do Chili.

Com relação aos revezes que a esquadra hespanhola tem soffrido nas aguas do Pacifico, e em quanto ao suicidio do almirante Pereja, diz a *Politica* que Pereja tem muitas habilitações para ser commandante d'uma esquadra, mas que o governo escolhêra mal, nomeando-o para substituir o general Pinzon no commando da esquadra. Diz o mesmo jornal que o commando da esquadra vae ser entregue ao general Pinzon, e que o Chili ha de pagar caro o atrevimento.

A *Politica* diz com referencia ao general Pinzon:

«Poucos caracteres conhecemos mais aptos que o do general Pinzon para tratar com as republicas hispano-americanas, com povos que perderam o cavalheirismo tradiccional da raça de que descendem, para aprenderem todas as astucias e manhas da civilisação americana. Inuteis e perigosas são as negociações diplomaticas logo que soou a hora da guerra. Deploraveis são tambem as ameaças quando se lhe não segue immediatamente o golpe. Seguros estamos de que o bravo maritimo que cravou nas ilhas Chincas a bandeira de Hespanha, nunca se teria resolvido a ameaçar a republica do Chili, sem que cahisse logo sobre algum dos seus portos, e destruisse esses navios de guerra onde quer que se refugiassem.

«Veremos pois se o general Pinzon é mais bem succedido do que o almirante Pereja; mas é preciso advertir que atacar hoje a republica do Chili é empreza muito mais arriscada, que a de sequestrar ao Peru o guano das ilhas Chincas, na occasião em que os norte-americanos estavam occupados com a guerra civil.

A esquadra hespanhola que bloqueava o Chili compõe-se de oito navios: as fragatas a vapôr *Cidade de Madrid*, com 56 peças, *Resolucion*, de 44; *Blanca*, de 40; *Berenguela*, de 40; a fragata belindada *Numancia*; a corveta *Vencedora*, de 3 peças; a goleta *Cavadonga*, de 3; e o transporte *Marquez de la Victoria*, de 2.

A respeito dos acontecimentos que tiveram logar no mar Pacifico entre a corveta chilena *Esmeralda* e a goleta hespanhola *Cavadonga* dá um jornal de Madrid as seguintes noticias:

«Hoje podemos dar alguns promenores mais sobre a captura da goleta hespanhola *Cavadonga* nas agoas do Chili. O navio hespanhol que estava bloqueiando o porto de Coquimbo havia sido rendido pela fragata *Blanca*, e navegava para Valparaizo. Diz se que a corveta *Esmeralda*, que vinha em direcção opposta, encontrou um navio inglez que lhe participou que a *Cavadonga* se achava em mar alto, e que vinha atraz delle. O navio chileno aguardou que se aproximasse o outro navio. Quando se achou a distancia conveniente, saiu da *caleta* uma bandeira ingleza, e disparou uma descarga de artilheria.

«Depois da captura da *Cavadonga* dirigiu-se com ella a Porto-Papado, e d'ali levaram estes pelo caminho de ferro a Santiago, capital da republica do Chili.

«Logo que na capital se teve noticia deste acontecimento, e de que conduziam para ali os prisioneiros, uma multidão immensa se ajuntou na estação, derrubando as grades de ferro e muros que a rodeiam, dando *morras* desaforados aos godos. O governo chileno teve a precaução de retardar a entrada dos nossos compatriotas, 24 horas.

«Chegado o momento de entrada, destacou algumas forças para guardarem a passagem, e enviarem algumas carruagens aos officiaes, nas quaes foram conduzidos ao quartel de caçadores, onde se lhe aprestou aposento decente. O resto da tripulação da *Cavadonga* caminhou a pé para o quartel.

«Como os acontecimentos occorreram no dia da saida do correio, não se sabe a resolução que tomará a esquadra para se vingar do ultraje feito á bandeira hespanhola. Mas segundo parece a corveta *Esmeralda* navegou para Valdivia, e para ahi tinham partido algumas das magnificas fragatas hespanholas.

«Tambem consta que dois navios peruanos que se haviam conservado algum tempo nas Chincas, se haviam revoltado, e feito ao mar com o fim de fazer causa commum com os chilenos; mas nenhum destes navios, nem tão pouco a corveta *Esmeralda*, nem o vapor chileno de cinco peças *Maipú* valem nada se tentarem resistir á nossa esquadra que consta de seis excellentes fragatas e outros dois vazos de mais valia que o aprisionado.

E' de crer, portanto, que o pequeno desastre da *Cavadonga*, por lamentavel que seja, não influa desfavoravelmente no bom resultado das justas reclamações da Hespanha, especialmente quando é sabido que a nossa esquadra já tem capturado mais de 20 navios chilenos.»

Dá-se como certa a noticia do suicidio do general Pereja. Diz-se que se suicidára com um tiro de pistola na camara do seu navio, *Cidade de Madrid*. O almirante contava 50 ou 52 annos, e era natural do Perú, onde nasceu. Era filho de um general hespanhol que em tempo vicereinou naquella possessão da Hespanha. Em 1849 era Pereja capitão de fragata, e em 1862 foi elevado a capitão de nau.

Os periodicos hespanhoes dizem que elle era já brigadeiro, e director de um dos departamentos do ministerio da marinha na occasião em que a pasta desta repartição foi entregue a D. Augusto Ulloa, agora ministro da Hespanha em Italia.

Quando Pereja tomou parte na conspiração contra o gabinete foi mandado para as Philipinas, não chegando a cumprir esta ordem em consequencia da queda do ministerio. Foi depois promovido a chefe de esquadra, logar em que desempenhou alguns cargos importantes, como foi o de director do collegio naval de S. Fernando. No ministerio Mon-Cordovas foi nomeado ministro da marinha. Pereja era senador do reino, tenente general da armada, grão-cruz da ordem de Izabel a Catholica, commendador da ordem de Carlos 3.º e da de Christo, de Portugal, e S. Gregorio Magno, de Roma, e condecorado com o diadema real.

— Na França aguarda-se a abertura do parlamento. Parece que a questão da Italia será muito agitada nas camaras. A este proposito diz-se que mr. Thiers se prepara para pronunciar a respeito da questão italiana um discurso, em que ha de mostrar os perigos em que envolve a exacção do convenio de setembro.

— Na Italia falleceu ha pouco o distincto estadista e não menos distincto pintor Massimo d'Azeglio.

Soffreu a Italia com a morte deste homem celebre, uma grande perda.

Massimo d'Azeglio nascera em Turim em 1801. Applicou-se em moço á pintura, e assentou praça na cavallaria piomonteza, onde serviu como official. Passou depois a Roma, permanecendo n'essa cidade 8 annos, dedicando-se em todo esse tempo ás artes, adquirindo renome como um pintor muito distincto.

No museu de Louvre estão alguns dos seus quadros. Em 1827 voltou a Turim e dedicou-se ao estudo da litteratura. Em 1841 era elle um dos representantes mais estimados da nacionalidade italiana. Foi eleito deputado na assembleia da Sardenha, e pouco depois nomeado presidente do conselho de ministros. Em razão de algumas desintelligencias que se suscitaram entre elle e o conde de Cavour, então ministro da fazenda, Massimo d'Azeglio cedeu o posto de presidente de conselho áquelle estadista.

A proposito de Roma diz um periodico italiano o seguinte:

Uma scena muito singular se representou entre sua santidade e um embaixador russo, na occasião das recepções officiaes do anno bom no palacio do Vaticano.

O embaixador depois de dar ao pontifice os parabens do costume, sem esperar pela resposta de sua santidade, começou a queixar-se do procedimento do clero catholico da Polonia, lamentando que no Vaticano não houvesse informações exactas sobre isso, que se chama da Igreja.

«Esta queixa tão inexperada como imprudente impressionou desagradavelmente o pontifice, que respondeu com algum azedume, que os ukases imperiaes e as informamações particulares testemunhavam inquestionavelmente os soffrimentos do catholicismo na Polonia.

Esta resposta do Pio IX irritou o diplomata russo que replicou:

«O catholicismo é a revolução!»

A esta exclamação do embaixador respondeu o pontifice:

«Estimo no imperador o soberano, mas peço ao seu embaixador que se retire immediatamente.»

«O diplomata retirou-se, e o cardeal Antonelli, sem perda de tempo, dirigiu um telegramma ao nuncio pontificio em Vienna, recommendando-lhe que pedisse ao embaixador da Russia n'essa côrte que participasse o facto ao imperador Alexandre, antes que a noticia do acontecido chegasse alterada.

Noticiario

Feira de creados.—Do *Jornal do Commercio*. E' costume no grão-ducado Luxemburgo haver todos os annos, em 28 de dezembro, dia dos Santos Innocentes, um mercado de braços humanos.

Os creados de ambos os sexos vendem-se por espaço de um anno, de Natal a Natal, a preços mais ou menos equitativos, segundo a capacidade physica e moral da pessoa.

N'este mercado acham se creados pelo preço annual de seis até sessenta duros; porém estes ultimos formam a aristocracia, e tem menos probabilidades de accommodação.

Desde que amanhece até que anoutece, vêem-se em continuo movimento andar de cá para lá, sorrindo para os compradores, até que, com a ajuda dos Santos Innocentes, a sua boa estrella lhe depare um bom amo.

E' um espectaculo curioso e triste ao mesmo tempo que apresentam estes grupos de quarenta e cincoenta raparigas, obrigadas durante algumas horas mortaes a fingirem o mais gracioso soriso, os ademanes mais seductores, um olhar que pareça intelligente, e a desfilarem diante do afortunado *pachá*, que ha de atirar com o seu lenço branco a uma d'ellas, dizendo-lhe mediante seis, dez ou doze duros, tantas camizas tantos sapatos, vestidos, saias, etc.

— És minha por espaço de um anno, sob a condição de comeres do que eu comer em minha casa, e de te eu dar uma gratificação se te comportares bem.

A feira que teve logar em dezembro do anno passado foi magnifica. Apresentaram-se crinolines e luvas solicitando logares de guardadoras de vaccas e de perús.

O mundo caminha! Desgraçadas d'aquellas que seguem os usos antigos, vindo ao mercado descalças ou com tamancos! São desprezadas e ninguem olha para ellas. Toda e qualquer mercadoria carece de ser alindada e convenientemente preparada!

Um dourado.—Lê-se no *Jornal do Porto*: Francisco Dourado, subdito hespanhol, foi capturado na Ribeira como vagabundo.

No acto da prisão foi interpellado o preso pela policia, do seguinte modo:

—Que faz por aqui?

—Passeio, respondeu elle.

—Então é esse o seu modo de vida?

—E, sim senhor.

—Então não trabalha?

—Trabalho quando me dão que fazer.

—E quando não tem que fazer?

—Passeio, e roubo se posso.

—N'esse caso acompanhe-me até ao Carmo.

—Prompto.

E lá se pozeram a caminho para o quartel respectivo.

Ha poucos larapios que tenham a sinceriedade de Francisco Dourado.

População romana.—(Do mesmo jornal): As auctoridades ecclesiasticas de Roma acabam de publicar o recenseamento da população romana em 1865.

Roma contém 207:338 almas; é por conseguinte, depois de Napoles, a cidade mais populosa da Italia. A população teve um augmento de 30:000 almas, desde 1860.

O numero dos cardeaes, bispos, sacerdotes e clerigos, que habitam a cidade eleva-se a 2:368; o numero dos religiosos a 2:736; o das religiosas a 2:117. Ha portanto sobre uma população de mais de 200:000 almas 7:221 padres, monges ou religiosas.

O principe Othon. — Por participação telegraphica sabe-se haver fallecido o principe Othon, irmão de S. M. a Rainha a senhora D. Maria Pia de Saboya.

O principe Othon Eugenio Maria tinha nascido em 11 de julho de 1846, e era o quarto filho do Rei Victor Manuel. Contava pouco mais de 19 annos.

Passagem de SS. MM. — Ainda não se sabe ao certo o dia em que aqui passarão SS. MM. para o Porto. Em consequencia do luto por morte do principe Othon, irmão de S. M. a Rainha, ficou addiada a vinda para o dia 31, segundo dizem os jornaes de hontem. Mas esta noticia ainda carece de confirmação.

Tempo. — Frio de manhã, ao meio dia frio, frio á noite, é o que se póde dizer do tempo nestes ultimos dias. E o mais é que raro se vê uma nuvem a passear lá em cima nas campinas do ceu. O sol assoma no oriente sem cortejo de nevoas, mas só, rutilante e esplendido, como póde verificar quem tenha, o bom gosto de se levantar cedo. A' tardinha esconde-se atraz dos pinheiraes ali da Gafanha, e não ha tambem uma nuvemsinha que lhe empane o brilho.

Mas apezar d'isso o frio tem sido, e é, intenso. De manhã veem-se os telhados e os campos cobertos com uma immensa lamina de prata. E' o gelo, que mais tarde o sol, amante de refrescos, sorve em haustos curtos e pausados. Ao entardecer corre quazi sempre uma aragem cortante e fria. De noite redobra de intensidade o frio, e tirita-se com elle.

E não ha remedio senão soffrel-o, até que chegue a primavera, que felizmente não vem longe.

Ainda? — E' bem certo que quem não pode trapaceia. Doe-lhes a derrota, e tentam agora a desforra, intrigando.

Não logram porém bom exito. Já todos os conhecem. Contavam com a abstenção de um cavalheiro para metterem outro, e como a labia não pegou foram então malsinar insidiosamente as intenções alheias.

Adiante. Não pegou.

Que nome tem isto? — Remetteram-nos hoje de fóra da cidade um numero do *Campeão das Provincias* de quarta-feira que traz uma verrina insolentissima contra o sr. professor do lyceu o sr. Clemente Gomes Pereira de Carvalho. Nos numeros que se distribuiram na cidade, não vem publicada esta verrina!

Que quer isto dizer? Na imprensa portugueza é caso novo fazerem-se duas edições de um jornal, para que uma d'ellas possa conter injurias de que o aggravado não tenha conhecimento! Cremos que nenhum jornal se manchou com esta infamia.

Não temos hoje espaço, nem podemos fazer mais largas considerações; mas o caso é grave, e digno da mais severa censura, e, se fôr o que nós aventamos, havemos de chamar para elle a attenção de toda a imprensa.

Consummatum est. — E' com este titulo que os mentores da camara dão noticia da demissão do sr. Manoel Godinho do emprego que na camara exercia ha vinte annos!

Consummou-se a obra da iniquidade!

Foi posto fóra o empregado antigo e fidelissimo, que por muito tempo fez quazi que só *todo o serviço da secretaria*, em consequencia do impedimento do sr. José Venancio! Já não vale cousa alguma, nem é digno de consideração, o zelo, a probidade, os serviços de longa data!

Vejam-se neste espelho, e os que fallam ahi em sanguinarios, em rancores, em demissões facciosas, estudem aqui a consciencia d'estas arguições!

Isto deve fazer cahir a venda dos olhos a muita gente. Os parlapatões, quando precisam, põem-se de joelhos se lhes convem para obterem o que pretendem; depois esquecem e despresam os que os serviram, o ponto é que n'isso tenham algum interesse. E para maior villesa, lançam sobre os outros a culpa dos seus actos, para ficarem sempre tidos por santos.

O sr. Godinho foi demittido por se não curvar reverente diante da camara! Que dóse de orgulho e de alteneria importou agora aquella corporação, louvado seja Deus!

Vão vendo... vão vendo...

S. Gonçalo. — Festejam domingo alguns devotos o Santo que a tradicção chama *casamenteiro das velhas*, na sua capellinha da rua do Arco. Na vespera ha musica e fogueiras e rimação para a rapariga do sitio. No dia ha missa e sermão, sendo orador o sr. Francisco da Costa Junior.

O que são os rapazes. — Hontem um caixeirito d'uma botica da rua dos Ourives foi perseguido por um cãosito fraldeiro pertencente ao sr. Dionisio Sergio, que mora na mesma rua. Não lhe soffreu o animo que não tomasse logo desforra. Voltou-se ao cão, e tosou-o. O dono que viu o caso, acudiu, e a seu turno, minioseou o rapaz com um puchão de orelhas.

O rapaz tem figados, e protestou que o canito lhe pagaria com usura a esfregadella das orelhas. Foi para casa, poude surripiar um pouco d'arsenico, preparou uns bolos com miolo de trigo, e á noute lançou-os por debaixo da porta do sr. Sergio, na intenção de que o cão logo de manhã os gualdipasse.

Não foi assim. O sr. Sergio tem em casa uma engeitadita de 9 annos. Foi ella que hontem veio abrir a porta. Viu os bolos, e com a innocencia propria da sua idade comeu um. Em seguida foi beber agua, e começou a vomitar. Felizmente a ama dando pelo acontecido foi logo chamar um facultativo, que ainda poude salvar a pobre creança.

E-tá já livre de perigo.

Ovos molles. — Os preconisados ovos molles de Aveiro tem tido ultimamente, com os comboyos extraordinarios, um consumo descomunal. No domingo, quando passou o comboyo das 1:500 pessoas, venderam-se quantos havia, e quantos se poderam arranjar. Só uma das vendedeiras deu extracção a 10 duzias de barrisinhos.

A industria dos ovos molles tem tido grande incremento, mas o credito do dôce tem diminuido com as contrafações. Todos e todas fazem ovos molles, e, como só querem lucrar, ás vezes ficam uma cousa desenxabida, se não é peor. O consumo porém ainda se não resentiu d'isso.

Ainda bem!

Aos srs. directores do correio. — Tem-se queixado alguns de nossos assignantes de que muitas vezes recebem os jornaes com atrazo de dias, e algumas até deixam de os receber. Sendo a remessa do nosso jornal para o correio feita com regularidade; e não sendo o desta cidade a causa d'essas faltas, por que somos testemunhas oculares da pontualidade e exactidão com que ali é feito o serviço — recommendamos aos senhores, a quem cabe a censura, se abstenham de retardarem ou extraviarem os jornaes.

Tambem ainda ha 3 dias recebemos officios de dois srs. administradores centraes do correio, em que nos participavam que nas suas repartições se achavam, sem serem procurados, os numeros do nosso jornal do mez de dezembro, e janeiro corrente.

Não podemos deixar de os censurar pela demora nesta participação, pois que a lei lhes impõe o dever de a darem no fim de 15 dias, cremos nós.

Orçamento. — Recebemos o orçamento geral e proposta de lei de receita e despeza do estado para o exercicio de 1866-1867.

Agradecemos a remessa.

Fallecimento. — Falleceu no dia 20 do corrente, na sua casa d'Ois da Ribeira, a ex.ma sr.a D. Maria Rosa Pires, tia do revd. sr. Anacleto Pires Soares. Era senhora dotada de muitas virtudes, sobresahindo na da caridade. O sr. padre Anacleto perdeu uma tia que idolatrava, e á pobresa seccou-se uma das suas mais abundantes fontes. Duplo motivo para o nosso pesar.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 25 de janeiro.

Não ha noticias politicas, que possam merecer a attenção dos leitores, e satisfazer a sua curiosidade. Os noveleiros improvisam recomposições ministeriaes. Não ha opposição na camara electiva; os deputados que não são ministeriaes, estão na posição expectante.

Na sessão de terça feira fallou largamente o sr. Antonio Augusto, jornalista distincto, e discorreu com muita sensatez sobre o art.º 4.º do projecto. O desejo de s. ex.ª, assim como de toda a camara, é que o projecto se converta em uma lei justa e sabia.

Todo o exforço do orador tende a provar, que o impressor de qualquer jornal não podia responder pelas faltas do editor porque é contra todos os principios do direito responder outrem por um facto alheio. Notou s. ex.ª, que alem do editor de qualquer folha periodica, podia haver o dono ou o proprietario do jornal, e essa entidade não figura no projecto, ao passo que o impressor representa n'elle um papel principal, e bem assim o editor, que muitas vezes ignora o que se publica no jornal. Fez outras muitas considerações, que os leitores podem vêr do extrato da sessão, cuja transcripção certamente não pode ter cabida no estreito e acanhado espaço de uma correspondencia.

— Na sessão d'esse mesmo dia, na camara hereditaria, abriu o debate sobre a novação o sr. marquez de Vallada a favor. Fallaram depois contra os dignos pares Vellez Caldeira e Julio Gomes. O debate foi encerrado, e pondo-se á votação o contrato, foi approvado em votação nominar por 47 votos contra 33 — 14 votos de maioria.

O sr. ministro da fazenda respondeu nessa mesma sessão ás perguntas do sr. Julio Gomes, que o governo não recebera nenhuma proposta official da companhia dos caminhos de ferro do norte, e que por tanto não tencionava apresentar ao parlamento negocio algum daquelle genero, posto haver-lhe constado que a companhia tencionava apresentar propostas áquelle respeito.

— Na sessão de hontem antes da ordem do dia, occupou a tribuna o sr. José Paulino, respondendo ainda a um folheto anonymo escripto contra s. ex.ª — Já manifestámos a nossa opinião áquelle respeito; mas s. ex.ª apresentou os motivos que o obrigaram a responder no parlamento o que só pela imprensa deveria ter feito; é apenas uma attenuante.

O sr. Paulino tornou-se na sessão de hoje um orador verdadeiramente popular; o seu discurso atrahiu a attenção da camara em mais de um ponto, por que levantou a ponta do veu, que encobria muitas sinecuras e desprodicios, que vão pelo ministerio da guerra. Prometteu s. ex.ª, que, na discussão do orçamento, havia de levantar o veu todo, por que o seu dever era dizer a verdade, e com ella havia de fazer uma economia para fazenda para cima de 400 contos! O orador foi calorosamente applaudido, por que disse verdades amargas, que todos mais ou menos conheciam, e que só s. ex.ª; com a rectidão de carater, que todos lhe reconhecem, o podia fazer sem despertar odios por ser tambem militar.

D'aqui pedimos ao nobre deputado que continue, porque faz um bom serviço ao seu paiz. Tambem nós o aplaudiremos aqui.

Continuou a discussão do projecto — O sr. Thomaz Antonio Ribeiro, tomando a palavra, leu o parecer da commissão, relativo ás propostas que se haviam mandado para a meza ácerca do art.º 4.º — O artigo ficou mais claro, e com uma redacção, que satisfez em parte aos escrupulos d'alguns; o sr. Teixeira de Vasconcellos, porém, impugnou ainda as razões com que o relator sustentou o parecer da commissão.

Votou-se o art.º 4.º. Entrou o 5.º em discussão. O sr. Teixeira propoz a eliminação do § ao mesmo art.º que estatue penas a quem dirigir aggressão *injuriosa* ao systema representativo!!

O sr. ministro da justiça disse, que o § não era novo na legislação, pois que as outras nações mais adiantadas tinham no seu Codigo a mesma disposição!

O sr. Barros e Sá fez varias considerações, e concluiu pedindo a eliminação do §, ou que a commissão precisasse bem quaes os artigos da constituição eram incriminados, e leu depois uma substituição ao § com a qual não podemos concordar.

O sr. Leandro mandou para a meza uma moção d'ordem assignada tambem pelo sr. Torres e Almeida. Declarou-se o o sr. Leandro contra o §, porque entendia que a sua disposição importava nada mais nem menos do que a tyrannia exercida sobre a palavra escripta em um assumpto em que a imprensa tem todo o direito de intervir, descutindo, esclarecendo e corrigindo. O § decreta positivamente a immobilidade da constituição, n'uma epoca em que tudo se move, salvaguardando-a com penas, por uma supposta *injuria* que nunca póde dar-se, porque a injuria sempre foi pessoal. A discussão continua ámanhã. Não houve hontem camara dos pares; hoje não ha a dos deputados.

— Julga-se acabada a revolução em Hespanha, mas eu não o creio, apesar de se achar entre nós o valente general *Prim* e os infelizes que escaparam ás perseguições do governo hespanhol. Entraram os emigrados por Barrancos e foram ficar a Beja — Espera-se porém que *Prim* chegue hoje a Lisboa: vae ser hospede do sr. marquez de Niza.

— O premio grande da grande loteria de Madrid, cuja extracção costuma ser no dia 23 de dezembro, sahiu a um riquissimo negociante que empregou em bilhetes 7:200$000 réis. Não admira isso por que o rio corre sempre para o mar.

— O vapor *Londres* que sahiu do Plimouth no dia 6 com 270 pessoas, naufragou em consequencia do temporal. Salvaram-se só 16 pessoas!!

— Falleceu o sr. visconde de Castello-Branco de um ataque apopletico em Castello-Branco.

— Já sahiu á luz o opusculo do sr. Seabra (visconde) — intitula-se *Duas palavras sobre o casamento, pelo redactor do Codigo.*

A Gazeta publica hoje uma carta dirigida ao mesmo senhor por um membro da commissão revisora do Codigo Civil.

— Suas Magestades e a côrte tomarão luto por 30 dias pelo fallecimento de S. alteza real o principe Othon, filho de S. M. o Rei de Italia.

— Diz o *Jornal de Lisboa* que hontem uma rapariga, que teria 18 annos, moradora em um 3.º andar na rua do Livramento, estando a estender roupa na janella que deitava para o saguão, tanto se debruçou que teve a infilicidade de cair, resoltando-lhe a morte instantaneamente.

— Começaram no domingo os bailes de mascaras. O theatro de D. Maria esteve muito concorrido.

— Consta á ultima hora que vão ser nomeados pares os sr. — Anselmo Brancamp — conde da Foz — conde de Cavalleiros e Roque Fernandes Thomar — São todos muito dignos e a camara hereditaria sem duvida alguma faz uma excellente acquisição. *Y.*

BARRA DE AVEIRO

EMBARCAÇÕES ENTRADAS EM 24 DE JANEIRO DE 1866

Hiate port. = Conceição Feliz =, mestre F. Oliveira, vazio — de Villa do Conde.

ENTRADAS EM 25.

Hiate port. = Nova União =, mestre D. da Angelica, em lastro — de Caminha.

SAHIDAS.

Cahique port. = S. José =, mestre J. Pereira, com sal — para Setubal.

Hiate port. = Cruz 1.º =, A. A. Laborinho, com sal — para o Porto.

Hiate port. = É segredo =, mestre A. N. Ramizote, com madeira — para Lisboa.

Hiate port. = Razoilo 1.º =, mestre M. L. Catharino, com sal — para Lisboa.

Hiate port. = Jovem Laura =, mestre M. G. Villão, com sal para Lisboa.

Hiate port. = União =, mestre M. S. Chuva, com sal — para Lisboa.

Hiate port. = Grande Baptista =, mestre S. S. Ré, com sal — para Lisboa.

Hiate port. = Senhora da Conceição =, mestre M. Nunes, com sal — para Lisboa.

Hiate port. = Craveiro 2.º =, mestre J. N. Ramizote, com sal — para Lisboa.

Annuncios

De Maria Augusta de Figueirôa, suas filhas e filhos, D. Maria das Dores de Mello Correia, D. Maria Amalia, auctorisada por seu marido D. José da Camara Leme, D. Maria da Madre de Deus, auctorisada por seu marido D. Fernando da Camara Leme, e João de Mello Correia, todos *sui juris*, a primeira como meieira e inventariante no casal de seu fallecido marido Luiz de Mello Correia, que se processa no juizo da 5.ª vara desta comarca de Lisboa, escrivão Seita e Sá, e os outros como filhos e genros do mesmo fallecido, annunciam, certos do principio de ser mais facil e mais prudente prevenir que remediar, para que em nenhum tempo se possa allegar ignorancia, e mais effeitos legaes, que achando-se descriptos n'esse inventario os segnintes bens, como de natureza allodial, a saber: trez leiras de terra lavradia, sitas no Portigal, do logar da Verba — quinta denominada da Medella, no logar de Verdemilho — uma praia fóra da quinta — uma terra sita no Couto de Verdemilho — uma terra lavradia sita nas Tecelôas — um pinhal sito no Coimbrão — outro pinhal sito na Sanadeira — outro pinhal no sitio da Oliveira — o fôro que paga o praso denominado do Sedenho — outro fôro na Quinta do Gato — outro sito na Cautela — outro no logar do Bomsuccesso — outro de trez alqueires de trigo gallego — outro de cinco alqueires de trigo gallego — e outro de dez alqueires de trigo tremez: ninguem póde validamente sobre todos ou cada um d'elles contratar sem que se lhe mostre formal de partilha, ou decisão definitiva do mesmo juizo sobre sua natureza contraria áquella da sua descripção.

CONTRA-ANNUNCIO

Antonio de Mello Corrêa Pereira Medella, da cidade de Lisboa, tendo visto no *Diario de Lisboa* n.º 14, do corrente anno, o annuncio n.º 8, em que sua mãe D. Maria Augusta de Figueirôa, e suas filhas e filhos, previnem o publico, para que ninguem contrate ácerca dos bens que compõem a quinta da Medella, sita no logar de Verdemilho, concelho d'Aveiro, e predios adjunctos á mesma quinta, por se dizer que se acha tudo descripto como allodial no inventario que está pendente por morte do marido, pae, e sogro commum, Luiz de Mello Corrêa; por isso, e para não ser em tempo algum prejudicado com o referido annuncio, protesta contra elle o sobredito Antonio de Mello Corrêa Pereira Medella — 1.º por que a mencionada quinta da Medella, e suas dependencias, são predios vinculados, á excepção de uma pequena terra no sitio da Verba, um fôro chamado o *Praso do Sedenho*, e um pequeno bocado de praia dentro da mesma quinta — 2.º porque o administrador, e possuidor actual daquelle vinculo é o contra-annunciante, em cuja posse está desde a morte do ultimo administrador, seu irmão José Corrêa de Mello, succedida em 1852 — 3.º porque o mesmo contra-annunciante tem seu poder todos os titulos demonstrativos do que expõe, que por sua mãe lhe foram entregues quando elle tomou posse do mesmo vinculo.

E porque sem dúvida houve equivoco no annuncio n.º 8 do *Diario de Lisboa* n.º 14, o contra-annunciante protesta contro aquelle annuncio, para que elle não possa nunca ser prejudicado em seus direitos.

Pelo cartorio do escrivão Gusmão, se annuncia que no dia 28 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, e na salla do tribunal de justica, desta cidade, se hão de vender em hasta publica todos os moveis pertencentes á fallecida Luiza Rosa de Jesus, de Sá, desta mesma cidade.

ATTENÇÃO

No dia 2 de fevereiro proximo devem vender-se em Agueda, junto á praça municipal, por 10 horas da manhã, diversos fóros e propriedades de terras lavradias, sitas nos campos de Recardães, Agueda e circumvisinhanças. Quem as pretender póde apparecer no local, dia e hora indicado.

AREIA SUPERIOR

Quem pretender areia para obras de casa muito superior á d'Esgueira, a preço por cada carro 200 réis, falle com Jeronymo Pereira Campos, d'esta cidade.

Vende-se a pharmacia, que foi de José Martins Pereira da Cruz, sita em S. Martinho de Peso segueiro, concelho de Sever de Vouga; os pharmaceuticos que a pretenderem, podem dirigir-se a Antonio José Martins Pereira, da mesma localidade, que se acha habilitado para dar as necessarias informações.

LIVRARIA

DE

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Nesta livraria acham-se á venda as segnintes obras:

OS MARTYRES — por Chateaubriand, traducção de Camillo Castello Branco — 2 vol. . . 1:400

HISTORIA DA VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO — pelo padre Ligny, traducção — 2 vol. 1:440

A UNIÃO

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS DE TODAS AS ESPECIES.

O progressivo desenvolvimento que se manifesta nos seguros de fogo effectuados em todo o paiz por esta vasta Companhia, prova exuberantemente quanto todos se vão convencendo de que nas companhias de seguros se encontra uma verdadeira garantia contra o risco do fogo, cujos funestissimos estragos tantas vezes tem reduzido á miseria familias que antes viviam na opulencia ou remediadas. Por isso quem haverá que mediante uma insignificantissima quantia, paga annualmente, não queira segurar as suas propriedades, pondo-as deste modo ao abrigo do risco do terrivel e distruidor elemento? Só por negligencia deixarão de o fazer as pessoas que ignorem o modo simples de effectuar taes seguros, maximo, pela percentagem diminuta que se paga na Companhia União, percentagem incomparavelmente menor do que em qualquer outra companhia.

Quem desejar effectuar qualquer seguro se dirigirá ao agente nesta cidade, **João da Silva Mello Guimarães,** que se prestará a dar todos os esclarecimentos que sejam pedidos.

Esta Companhia toma tambem seguros maritimos e fluviaes, com condicções muito favoraveis, e administra a grande Companhia O PORVIR DAS FAMILIAS, que se tem avantajado nos seguros de supervivencias mutuas, pelos resultados que tem auferido os seus socios.

Toma seguros de vida, para o caso de morte, e tambem de supervivencia, dote, pensões, annualidades, etc., a premio fixo.

PIANOS — Deposito n'esta cidade, rua dos Mercadores n.º 13. Aceitam-se encomendas.

N. B. Os preços são os mesmos dos depositos no Porto.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. — *Typ. do* **«Districto d'Aveiro.»**